

# **SINTAXE DA FRASE SIMPLES EM CANTONENSE: COMPARAÇÃO COM AS LÍNGUAS ROMÂNICAS \***

*T. A. Cheng* \*\*

## I

### **NOÇÃO DE FRASE. VISÃO DIFERENTE**

#### **1. NOÇÃO DE FRASE: VISÃO CANTONENSE**

Devido à pobreza morfológica, o cantonense tem poucas regras restritivas. O carácter multifuncional das suas categorias gramaticais e o paralelismo de construção dos seus sintagmas/frases fazem com que os mecanismos de concatenação pareçam bastante fluidos. As afinidades semânticas são regra e, respeitado isto, qualquer unidade linguística pode, por assim dizer, associar-se uma à outra na formação duma nova unidade de nível imediatamente superior na hierarquia.

Do morfema passemos às frases, através dos diversos agrupamentos de palavras e regras de formação em número de cinco, e que se mostram totalmente idênticas dum nível para outro. Trata-se das regras que regem a coordenação, determinação, predicação, qualificação e complementação. Aparentemente, não é tão complicado como se pensa, sendo efectivamente o lado fácil do cantonense, porque flexível. Entretanto, a flexibilidade corre o risco de arrastar, em sentido inverso, o pouco de sistematicidade existente. Por exemplo, os itens koi-5 [ele] (1), iao-6 [mais uma vez] (2), hoi-3 cho-2 [fui] (3), Ou-3 mun-2 [Macau] (4), lak-3 [interjeição] (5), são susceptíveis das seguintes combinações:

---

\* Tradução do original francês por Manuel Nóia, assistente do Departamento de Estudos Portugueses da Universidade de Macau, Presidente da Comissão Instaladora do Centro de Difusão da Língua Portuguesa.

\*\* Doutorado em linguística geral pela Universidade de Paris VII. Professor da City Polytechnic de Hong Kong. Membro do Centro de Investigação em Linguística e em Linguística Aplicada, Cantão.

- a) 1 + 2 + 3 + 4 + 5 [ELE FOI OUTRA VEZ A MACAU]
- b) 1 + 3 + 4 + 5 + 2
- c) 1 + 4 + 2 + 3 r5
- d) 4 + 1 + 2 + 3 + 5
- e) 2 + 3 + 4 + 5 + 1

cujo sentido não sofre alterações. Aqui não se trata de modo algum de gramaticalidade no sentido estrito do termo. A escolha de uma ou de outra combinação é ditada, contudo, por exigência de adequação do estilo de contextos quer linguísticos, quer extra-linguísticos. Uma escolha mal feita, uma disposição mal pensada, conduz à falta de naturalidade ou mesmo à incomunicabilidade. É este, pois, o lado difícil do cantonense. Uma flexibilidade racional, isto é, conforme os hábitos mentais do sujeito falante do cantonense, não é, portanto, de natureza a facilitar a classificação das frases simples desta língua, se nos ativermos à lógica formal das coisas.

## 2. NOÇÃO DE FRASE: VISÃO ROMÂNICA

As antigas línguas românicas têm a sua origem no latim, no qual, devido à concordância caso/função, a ordem de disposição dos constituintes é um falso problema. O desaparecimento progressivo das marcas casuais que se verifica desde a Idade Média não deixa de influenciar duma maneira decisiva a estruturação das línguas românicas modernas. Como consequências maiores, podem-se citar entre outras: 1.º, o pôr em relevo o sujeito, que se coloca no início de frase; 2.º, a ordem S V O, elevada a regra absoluta, devido ao desaparecimento do caso acusativo; 3.º, a concordância, tornada necessária, em pessoa e número, entre o sujeito e o verbo conjugado; 4.º, o papel das preposições reforçado quando se trata de marcar as relações gramaticais entre o elemento nominal e os outros elementos da frase; 5.º, a ordem das palavras que se tornou decisiva quando se trata de determinar o papel desempenhado pelo elemento nominal da frase. Esta estabilidade de construção torna possível construir modelos frásicos em termos de função e de estrutura e esta tarefa é bastante mais fácil do que em relação ao cantonense. Com efeito, o recenseamento das frases simples numa base formal começou no último século, tendo vindo já a lume um certo número de inventários sobre esta matéria.

## II

### MODELOS FRÁSICOS E PROBLEMAS DE CLASSIFICAÇÃO

#### 1. DEFINIÇÃO DO MODELO E OS MÉTODOS DE CLASSIFICAÇÃO

Em nossa opinião, quem diz modelo frásico diz classe de frases em termos de estrutura formal. As frases naturais duma dada língua

são, em teoria, em número finito. As frases, enquanto tais, são de carácter dinâmico e permitem a comunicação no discurso, enquanto que as classes de frases são de carácter estático e permitem a geração das frases. Enquanto modelos linguísticos, as classes de frases são, por definição, generalizáveis, abstractas e estáveis. Assim, o recenseamento das classes de frases está intrinsecamente ligado aos mecanismos gramaticais da língua em estudo. Os traços pertinentes dessa língua devem ser explicitados, sobretudo quando se trata de a comparar com outra em matéria de classes de frases. No que aqui nos diz respeito, quatro questões merecem atenção.

### 1.1. MÉTODOS DE ANÁLISE

A prática corrente leva a que, em relação a uma dada frase, a dividamos em duas partes: sujeito/predicado.

Duma maneira geral, o sujeito que começa a frase, precede o predicado, no seio do qual, o objecto, que faz parte integrante dele, o fecha. A ordem esquerda-direita, em termos de S V O, é respeitada. Tendo em consideração o estado dos conhecimentos que possuímos para o cantonense, pensamos que a abordagem que consiste em tratar os dados linguísticos em termos de estruturalismo é mais adequada e que, por consequência, a análise em termos de anteposição do objecto não se justifica. Por outro lado, pensamos também que, na análise de dados, importa traçar bem a linha de demarcação entre os três sintagmas nacionais que são:

1. Os tema/rema em relação ao discurso.
2. Os sujeito/objecto em relação ao enunciado.
3. Os agente/paciente em relação ao verbo.

Trata-se aqui de três níveis de análise, de três abordagens de análise diferentes, que se equivalem.

Ao examinar o verbo sob o ângulo da sintaxe, fala-se do sujeito e do objecto e, sob o ângulo da semântica, do agente e do paciente. Para o cantonense, por exemplo, o sujeito assim como o objecto podem analisar-se em termos de agente e de paciente, segundo os casos, verificando-se o mesmo, por vezes, em relação ao objecto de uma preposição:

Ex. 1: NI-1 PUN-2 SU-1 TAI-2 CHO-2  
[Lemos este livro]

(Nota: O sujeito NI-1 PUN-2 SU-1 [Este livro] analisa-se como paciente do verbo TAI-2 [LER]).

Ex. 2: OK-1 KEI-2 LAI-4 CHO-2 KO-3 PANG-4 IAU-5  
[Um amigo veio visitar-nos (a nossa casa)]

(Nota: O objecto KO-3 PANG-4 IAO-5 [Um amigo] analisa-se como agente do verbo LAI-4 [VIR]).

Ex. 3: KOI-5 CHEONG-1 TI-1 SAM-1 SAI-2 SAI-3  
[Ela lavou a roupa toda]

(Nota: O objecto TI-1 SAM-1, em relação à preposição CHEONG-1, analisa-se como paciente do verbo SAI-2 [LAVAR]).

Ex. 4: NEI-5 TONG-4 NGO-5 CHAM-1 PUI-1 CHA-4 IAM-2  
[Deite-me chá (PARA BEBER)]

(Nota: O objecto NGO-5 [ME] em relação à preposição TONG-4, analisa-se como objecto do verbo IAM-2 [BEBER]).

Ex. 5: TI-1 FAN-6 CHU-2 HOU-2 CHO-2  
[O arroz está pronto a servir]

(Nota: O sujeito TI-1 FAN-6 [O ARROZ] analisa-se como paciente do verbo CHU-2 [preparar].

## 1.2. OS TIPOS DE SINTAGMAS

Os constituintes dum frase, no plano morfológico, não comportam só palavras, mas também sintagmas que são de nível superior na hierarquia. Tendo em conta a natureza gramatical da palavra, nuclear no seio do sintagma e das relações combinatórias entre os seus constituintes, apresentam-se-nos cinco categorias de sintagmas:

1. Sintagma Nominal
2. Sintagma Adjectival
3. Sintagma Verbal
4. Sintagma Preposicional.

As línguas românicas também possuem os quatro tipos que acabam de ser enumerados, atribuindo-lhes as mesmas funções sintácticas. Contudo, as línguas românicas estão longe de conhecer o quinto tipo que só a língua cantonense regista. Trata-se dum sintagma composto por um sujeito e por um predicado, donde a denominação «SINTAGMA SUJEITO-PREDICADO» (S S P). Este sintagma tem por função constituir um predicado complexo no seio dum frase dita S S P. No plano formal, pois, uma frase do tipo S S P comporta um sujeito duplo: SUJEITO FRÁSICO (S1) E SUJEITO PREDICATIVO (S2); EM ESQUEMA: S1 + S2 + V em que as relações semânticas entre S1 e S2 se exprimem de diversas maneiras: (06), indicando a posse inalienável; (07), a relação de totalidade e parte; (08), o instrumento com a ajuda do qual se opera a acção; (09), o lugar onde se passa a acção ou o acontecimento.

A existência atestada do S S P demonstra-nos mais uma vez a flexibilidade de construção do cantonense, cujo encadeamento linear não se harmoniza com as restrições impostas às línguas românicas pelo seu aparelho formal. Eis uma das particularidades que importa reter no inventário dos modelos frásicos.

	S1	S2	V
Ex. 6:	KOI-5 [Ele] [Ele fala a torto e a direito]	HAO-2 [Boca]	FA-1 FA-1 [(Falar) ligeiramente]
Ex. 7:	NI-1 TI-1 SU-1 [Estes livros] [Pertencem-lhe muitos destes livros]	HOU-2 TO-1 [Muito]	HAI-6 KOI-5 KE-1 [Ser dele]
Ex. 8:	KO-2 CHEONG-1 [Este papel] [Vocês podem envolver o livro com este papel]	CHI-2 NEI-5 [Vocês]	PAU-1 SU-1 LA-1 [Envolver o livro]
Ex. 9:	HAK-3 TEANG-1 LOI-2 [Salão] [O fumo flutua no salão]	IN-1 MOU-6 [Fumo]	TANG-4 TANG-4 [Desprender]

### 1.3. O PROBLEMA DAS PREPOSIÇÕES

Como parte do discurso, a língua cantonense, assim como as línguas românicas, possuem uma categoria chamada de preposição. Ora, é importante verificar uma diferença essencial entre os dois sistemas preposicionais, tanto ao nível da sua génese, como da função. No que respeita à génese, as preposições cantonenses nasceram dum processo de enfraquecimento fonético de certos verbos que a isso se prestam. O enfraquecimento é uma noção muito baixa da totalidade das preposições recenseadas. A maior parte delas continua a conservar mais ou menos a sua própria identidade, quer no plano sintáctico, quer no semântico. Ora, o problema é saber se o valor semântico é ainda conservado e em que proporção. Isto é primordial para prever o grau de independência sintáctica de tal preposição.

Por um lado, a génese das preposições românicas é devida às alterações das marcas casuais da língua latina, tendo como resultado a ausência total de independência sintáctica destas partículas gramaticais.

A primeira diferença entre as preposições cantonenses e as românicas reside, pois, no facto de terem ou não terem a possibilidade de utilização livre na constituição duma frase. Para o que pretendemos aqui, em termos de classificação dos modelos fráscos, esta diferença não é de negligenciar.

No que respeita à função, as preposições, tomadas no sentido mais lato do termo, são chamadas a assumir um tríplice papel: 1.º marcador semântico, 2.º marcador gramatical, 3.º marcador estrutural. Como marcador semântico, as preposições servem para exprimir tanto as relações de carácter concreto (i.e. locais e temporais) como as relações puramente lógicas, abstractas. Como marcador gramatical, elas têm como função exprimir certas relações bem definidas no plano gramatical. Por exemplo, o «PEI-2» em

cantonense e o «POR» em português servem ambos para introduzir o agente na frase passiva. Um outro tipo de marcador gramatical é, para o cantonense, o morfema «CHEONG-1» (ver ex. 03 do texto). Como marcador estrutural, encontram-se nas línguas românicas preposições que, não exprimindo nenhuma relação real, apenas servem para ligar, isto é, reunir e subordinar os termos da frase. Daí as formas de «ADJECTIVO + PREP. (+ N/INF)» ou «VERBO + PREP. (+ N + INF.)», que são outros tantos «empregos sintácticos». Seguem-se alguns exemplos de «VERBO + PREP. ESTRUTURAL» em português:

Assistir a  
 Responder a  
 Lembrar-se de  
 Morar em  
 Interessar-se por  
 Parecer-se com, etc.

Estas formas (V/ADJ. + PREP.) têm um papel considerável a desempenhar no recenseamento e classificação dos modelos frásicos. Em contrapartida, é preciso notar que o cantonense não conhece marcador estrutural entre as suas preposições, o que é, provavelmente, devido à sua origem verbal. Daí o carácter impernente do problema das preposições para a língua cantonense por contraste com as línguas românicas.

#### 1.4. O PROBLEMA DOS MODIFICADORES ADVERBIAIS

Em cantonês, o que afecta, de perto ou de longe, o trabalho de inventário dos modelos frásicos, não são as preposições como se pode ver pelo que acaba de ser dito acima. Ao contrário, é preciso dar, plenamente, conta dos modificadores adverbiais (MOD), que apresentam as seguintes características:

1. Encontram-se em cantonês duas espécies de MOD, os pré-verbais e os pós-verbais.
2. Os pós-verbais apresentam-se dotados de valor semântico muito mais substancial do que os pré-verbais, o que aliás corresponde à disposição lógica das frases cantonesas, situando-se, justamente, o peso da informação na sua parte direita. Os pós-verbais são, com efeito, o que se chama «COMPLEMENTO» nas línguas românicas. Ao cingirmo-nos à disposição SUJEITO (1) + VERBO (2) + OBJECTO (3) que tem, como modificador adverbial MOD, temos em esquema:

- a) 1 + 2 + MOD + 3
- b) 1 + 2 + 3 + MOD
- c) 1 + 2 + MOD<sub>1</sub> + 3 + MOD<sub>2</sub>

3. O emprego dos pós-verbais pode arrastar o do verbo de réplica, o que explica a mudança que intervém ao nível formal da frase: em esquema:

1 + (2 + 3) + 2) PREDICADO + TAK-1 + MOD

em que TAK-1 se emprega como partícula de introdução do MOD.

4. As formas morfológicas dos pós-verbais são diversas: pode ser uma palavra, uma locução ou mesmo uma preposição. Quanto ao valor semântico, os pós-verbais comportam toda uma gama de conceitos diferentes, tais como: resultado, direcção, probabilidade, modalidade, gradação, quantificação, etc., o que faz a riqueza do sistema.

Contrariamente ao que acaba de ser dito, os complementos (ou modificadores adverbiais em cantonense), nas línguas românicas, não ocupam nenhum lugar no inventário dos modelos frásicos.

## 2. A CLASSIFICAÇÃO DOS MODELOS FRÁSICOS

O recenseamento dos modelos frásicos baseia-se na estrutura, com o seu duplo carácter linear e hierárquico. Isto explica a necessidade de adoptar uma abordagem englobando todo o conjunto de critérios que não se encontram, necessariamente, no mesmo plano de análise; sem isso, seria muito difícil organizar um sistema susceptível de dar conta de todas as propriedades sintácticas das estruturas recenseadas. Em teoria, as estruturas podem ser agrupadas sucessivamente em níveis superior, intermédio e inferior, para fazer valer as macro-estruturas, por um lado, e as micro-estruturas, por outro, com um certo número de sub-estruturas entre os diferentes níveis.

São macro-estruturas as que se registam como estando ao nível superior. O princípio director que as consagra consiste em detectar facilmente os seus traços distintivos, no reconhecimento da sua independência sintáctica e na sua possibilidade de gerar as estruturas dum nível inferior. Todo o sistema construcional é, pois, feito da geração a partir das macro-estruturas que, no fim de contas, são de número limitado.

Pôr em comparação não somente as sub-estruturas no seio do mesmo sistema, mas também as que opõe dois sistemas diferentes, contribui para referenciar os traços distintivos. Nos parágrafos que se seguem tentaremos explicitar as diferenças, ao nível das macro-estruturas, entre a língua cantonense e as românicas, passando, além disso, às semelhanças. Limitamo-nos ao quadro sujeito-predicado/sujeito-verbo-objecto e, no que diz respeito ao cantonês, estamos em condições de distinguir 21 tipos de macro-estruturas reunidas em quatro grupos:

1. à) Estrutura com um sujeito e um predicado
  2. Estrutura com um sujeito e mais dum predicado
  3. Estrutura com mais de um sujeito e um predicado
  4. Estrutura com mais de um sujeito e mais de um predicado
  5. b) Estrutura dita de existência
2. GRUPO PREDICATIVO
6. d) Estrutura com predicado nominal
  7. Estrutura com predicado adjectival
  8. Estrutura com predicado verbal
  9. b) Estrutura com verbo «SER»
  10. c) Estrutura com predicado/sujeito-verbo
3. GRUPO VERBAL
11. a) MONO-VERBAL                      Estrutura com verbo transitivo
  12.    Estrutura com verbo intransitivo
  13.    Estrutura com verbo de réplica
  14. b) BI/PLURI-VERBAL                Estrutura com verbo auxiliar
  15.    Estrutura com verbo de recurso
  16.    Estrutura com verbos em série
  17.    Estrutura com verbo/ complemento
4. GRUPO OBJECTIVO
18. a)    Estrutura com um objecto
  19.    Estrutura com objecto duplo
  20. b)    Estrutura com preposição «CHEONG-1»
  21.    Estrutura com a preposição «PEI-2»

Certamente, e isso é evidente, para ser completa a classificação acima proposta comporta uma certa duplicação entre os diferentes grupos, o que traduz, aliás, o leque dos critérios tomados em conta, face às diversas possibilidades combinatórias em termos de sujeito/ /predicado, em cantonense. Três pontos devem ser examinados mais de perto:

- a) Por contraste, os 21 tipos de macro-estruturas recenseadas podem ser repartidos em três domínios que representam outras tantas pistas de investigação: 1.º O que falta nas línguas românicas são as estruturas n.ºs 5, 6, 10, 13, 17 e 20; 2.º O que, embora apresentando certas semelhanças estruturais com as línguas românicas, necessita de explicitação para pôr em relevo as suas diferenças profundas são as estruturas n.ºs 2, 3, 4, 7, 9, 15, 16, 19 e 21; 3.º O que, aparentemente, funciona da mesma maneira que nas línguas românicas com, entretanto, diferenças marcantes ao nível dos factos concretos da língua e dos métodos de análise, são as estruturas n.ºs 1, 8, 11, 12, 14 e 18;
- ò) O grupo sujeito-predicado, em particular as estruturas n.ºs 1-4, é suposto representar as macro-estruturas ao mais alto nível. Tomemos, como exemplo, a estrutura n.º 1, i.e.,

estrutura com um sujeito e um predicado que é susceptível de gerar 12 tipos de estruturas, dum nível imediatamente inferior na hierarquia da construção frásica. Ver quadro n.º 1 em que SN é um nome ou sintagma nominal; SV é um verbo ou sintagma verbal; a ordem dos números indica que apesar dos elementos em questão serem da mesma categoria gramatical, não têm referência comum.

- c) Entre os 12 tipos de estruturas enumeradas acima, algumas têm, por seu lado, poder generativo. O TIPO 3 (i.e. SN + (SV) VERBO), por exemplo, representa uma estrutura bastante corrente porque é muito produtiva. Se tomarmos como base o verbo e se examinarmos de perto o poder combinatório dos elementos que se encontram respectivamente à sua esquerda e à sua direita, assim como os valores semânticos que se manifestam, estamos aptos a isolar 18 tipos de estruturas, dum nível imediatamente inferior. Seria fastidioso descrevê-los todos, pelo que nos permitimos concentrar-nos apenas sobre a estrutura do tipo S V O.

### III

#### A ANÁLISE ESTRUTURAL DO TIPO S V O

Duma maneira geral, agrupam-se como estruturas do tipo S V O (marcado 1 + 2 + 3) as quatro estruturas seguintes:

- (23) KOI-5 HAI-5 LOU-5 SAT-6 IAN-4  
<sup>1</sup> <sup>2</sup> <sup>3</sup>  
 [elê] [ser] [pessoa séria]  
 [Ele é duma honestidade]
- (24) LOU-6 PIN-1 TENG-4 CHO-2 KA-3 SIO-2 PA-1  
<sup>1</sup> <sup>2</sup> <sup>3</sup>  
 [beira da estrada] [parar] [minibus]  
 [À beira da estrada para um minibus]
- (25) NGO-5 MAI-5 CHO-2 TIO-4 U-2  
<sup>1</sup> <sup>2</sup> <sup>3</sup>  
 [eu] [ter comprado] [peixe]  
 [Eu comprei um peixe]
- (26) TEANG-1 IAT-1 HOI-3 POU-4 TOU-4 NGA-4  
<sup>1</sup> <sup>2</sup> <sup>3</sup>  
 [amanhã] [ir] [Portugal]  
 [A gente parte para Portugal amanhã]
- (27) NGO-5 (CHONG-1 LEONG-4) CHONG-1 TONG-3 SOI-2  
<sup>1</sup> <sup>2</sup> <sup>3</sup>  
 [eu] [no banho] [lavar-se] [água fria]  
 [Eu lavo-me com água fria no banho]

Antes de começar a discussão sobre os métodos de análise, pensamos que é útil clarificar as nossas ideias sobre o que é o «objecto» em cantonense.

[QUADRO N.º 1]

T P	SUJE = 1 (1)	PREDICA = 1 (2)	
1	SN1	SN2	(11) <u>koi-5 ou-3 mun-2 ian-4</u> 1 2 [ele] [pessoa de Macau] → [ele é de Macau]
2	SN	(SV) adjectivo	(12) <u>tei-6 ha-2 hou-2 sap-1</u> 1 2 [o solo] [muito molhado] → [o solo está muito molhado]
3	SN	(SV) verbo	(13) <u>fong-1 son-3 kei-3 cho-2</u> 1 2 [A carta] [já expedir] → [a carta já foi expedida]
4	SN1	(SN2 + SV)	(14) <u>ngo-5 tau-4 tong-3</u> 1 2 [eu] [cabeça] [ter dores] → [Eu tenho dores de cabeça]
5	SN1	(SN2 + SN3)	(15) <u>pe-1 chau-2 iat-1 kun-3sei-3 man-1</u> 1 2 [a cerveja] [uma garrafa] [quatro dólares] → [Uma garrafa de cerveja custa quatro dólares]
6	SN	(SV1 + SV2)	(16) <u>koi-5 chou-6 ie-5 hou-2 leak-1</u> 1 2 [ele] [trabalhar] [muito] → [Ele é muito hábil no eu trabalho]
7	SV	SN	(17) <u>lin-4 chok-6 lok-6 u-5 leong-5 sam-1 iat-6</u> 1 2 [continuar a chover] [dois a três dias] → [A chuva durou bem dois a três dias]
8	SV	(SV) adjectivo	(18) <u>lok-6 u-5 m-4 pa-3</u> 1 2 [chover] [não reccar] → [a gente não reccia a chuva]
9	SV1	(SN + SV2)	(19) <u>seong-5 m-4 tou-2 che-1 nei-5 m-4 keang-1 me-1?</u> 1 2 [perder o comboio] [você] [não se preocupar] → [Então você não se preocupa em perder o comboio?]
10	(SN1 + SV)	SN2	(20) <u>koi-5 chau-2-cho-2 sin-1 leang-5 iat-1</u> 1 2 [ele] [partir] [somente dois dias] → [Ele só partiu dois dias antes]
11	(SN + SV1)	(SV2) adjectivo	(21) <u>nei-5 m-4 ta-2 tin-6 wa-2 m-4 hou-2</u> 1 2 [você] [não telefonar] [não estar bem] → [Não é bom que você não telefone]
12	(SN1 + SV1)	(SN2 + SV2)	(22) <u>koi-5 kei-2 si-4 fan-1 lai-4 ngo-5 m-4 chi-1</u> 1 2 [ele] [quando regressar] [ignorar] → [Eu não sei quando estará ele de regresso]

1. Dado que o cantonense é uma língua desprovida de marcadores morfológicos, a definição mais simples e, de certo modo, a mais operatória do objecto será: «o elemento nominal que se encontra à direita do verbo».

2. Sendo o objecto de natureza sintáctica, a visão segundo a qual pode e deve assimilar-se à noção semântica de paciente, i.e., aquilo sobre que recai a acção contida no verbo, conduz-nos a um simples jogo de correspondência. Entretanto, os factos da língua em cantonense não se prestam a isso.

3. Na perspectiva dos gramáticos das línguas românicas, o que representa o objecto em cantonense recobre, em larga medida, o que designam os adverbiais nas respectivas línguas.

4. Do que acaba de ser dito acima, ressalta que as relações verbo — objectivos são das mais flexíveis, isto é, abertas a todas as espécies de circunstâncias imagináveis da experiência do homem, tanto no mundo físico, como no mundo espiritual. Segundo as estatísticas, os tipos de relações semânticas inventariadas nas construções V-O, em cantonense, são cerca de quarenta e não têm carácter exaustivo. É, pois, muito difícil traçar um quadro geral face a esta espantosa diversidade. Se alguma vez se fizer sentir a necessidade, tanto na teoria como na prática, de formular qualquer definição na matéria, seríamos obrigados a partir dum critério estrutural, de preferência a um critério semântico. Com efeito, não existe actualmente nenhuma escola linguística que possa explicitar de maneira convincente os valores das construções V-O, apoiando-se exclusivamente em critérios semânticos, a gramática dos casos incluída.

1. Sobre a análise de (23). KOI-5 HAI-5 LOU-5

→ [ELE + SER +PESSOA HONESTA]

Os gramáticos das línguas românicas não hesitarão em classificar o sintagma «HAI-5 LOU-5 SAT-6 IAN-4» /[SER + PESSOA HONESTA] como um sintagma atributivo, mas os seus homólogos do cantonense preferem assimilá-lo à estrutura do verbo «SER», como estrutura V-O. Na opinião deles, o verbo «SER» serve apenas como um liame sintáctico entre o sujeito e o objecto, encontrando--se o peso semântico do lado deste último.

2. Sobre a análise de (24): LOU-6 PIN-1 TENG-4 CHO-2 KA-3 SIO-2 PA-1...

[BEIRA DA ESTRADA + PARAR + MINIBUS]

«LOU-6 PIN-1» significa «À BEIRA DA ESTRADA» nas línguas românicas. Trata-se dum complemento de lugar e está bem, na lógica das coisas, classificar «KA-3 SIO-2 PA-1» [MINIBUS] como sujeito da frase. Ora, em virtude da estrutura em questão começar por um elemento nominal marcando o lugar, tendo por verbo um verbo de carácter estático, classificamo-lo, entre as chamadas estruturas de existência, sempre como uma subestrutura

V-O. Assim, o objecto de (24) «KA-3 SIO-2 PA-1» [MINIBUS] denota a existência; o de (28), o aparecimento; e o de (29), o desaparecimento.

Ex. 28 CHEONG-1 KA-1 SANG-1 CHO-2 KO-3 PI-4 PI-1 CHAI-2

[junto dos cheong] [ser nascido] [um bebé]  
[Os Cheong anunciaram o nascimento do seu bebé]

Ex. 29 CHEONG-1 KA-1 SEI-2 CHO-2 KO-3 IAN-4

[em casa dos Cheong] [ser morta] [uma pessoa]  
[Os Cheong estão de luto]

3. Sobre a análise de (25): NGO-5 MAI-5 CHO-2 TIO-4 U-2  
[EU + COMPRAR + PEIXE]

Do ponto de vista lógico-semântico, trata-se duma frase padrão do tipo S V O, tanto para a língua cantonense como para as línguas românicas. Se há alguma diferença, ela reside no facto de que em cantonense se pode repartir duma maneira segura o «objecto» em duas grandes categorias: objecto «PLENO» e objecto «VAZIO». É objecto pleno aquele cujo paradigma é aberto, o que permite a geração por analogia, ex. MAI-5 [COMPRAR] + U-2 [PEIXE]/SU-1 [LIVRO]/FEI-1 [BILHETE]/CHE-1 [CARRO], etc. É objecto vazio aquele cujo paradigma é fechado ou quase fechado, com restrições mais ou menos fortes em matéria de geração. É de notar que, nas línguas românicas, a categoria «OBJECTO» nas construções V-O é objecto pleno na maior parte dos casos, enquanto que no cantonense há uma proporção quase igual entre categoria objecto pleno e objecto vazio.

4. Sobre a análise de (26) TEANG-1 IAT-1 HOI-3 POU-4 TOU-4 NGA-4 [amanhã + ir + Portugal] e de (27) NGO CHONG-1 TONG-3 SOI-2 [eu + (se) lavar + água fria]

São estruturas padrão de objecto vazio, significando o exemplo (26) o destino e o (27) o instrumento ou meio. As relações semânticas que se depreendem destas construções V-O são expressas nas línguas românicas por meio de complementação. Existem, certamente, os chamados objectos acusativos mas, na maior parte dos casos, recorre-se sistematicamente aos sintagmas preposicionais.

#### IV À GUIA DE CONCLUSÃO

Este trabalho começou pelo recenseamento das macro-estruturas, passando pelas estruturas intermediárias cuja descrição se limita às sequências que comportam um único sujeito e um só predicado, para chegar às macro-estruturas que têm como objecto de estudo as diversas representações das construções V-O, o que

acaba por fazer ressaltar a diferença fundamental entre a língua cantonense e as línguas românicas.

a) Em cantonense, os sintagmas estranhos às mudanças flexionais e compostos de morfemas monossilábicos estão perfeitamente em condições de «significar», sem evoluir num quadro operatório baseado na dicotomia sujeito-predicado; tal como acontece com os sintagmas das línguas românicas, providos dum alto grau de independência sintáctica, os morfemas cantonenses são, por assim dizer, susceptíveis de entrar em combinação com qualquer outro morfema desde que as restrições de selecção semântica não sejam violadas. As sequências assim construídas podem, em determinadas circunstâncias, servir de suporte à constituição de sequências dum maior extensão. Os traços marcantes do cantonense, no plano formal, residem pois na actualização dum espécie de justaposição potencial que, em teoria, pode prolongar-se até ao infinito. As sequências colocadas circunstancialmente lado a lado guardam a sua independência sintáctica, devido à falta dum quadro frásico fechado como nas línguas românicas.

b) Um outro facto digno de notar é o seguinte: em cantonense não se exige que o sentido gramatical que confere a estrutura da superfície vá a par com a lógica formal; é antes o contrário que se produz: o facto de ordenar os termos dum frase não tem nada a ver com o formalismo. De maneira que se examinarmos os factos da língua cantonense sob o ângulo da lógica formal resulta na perplexidade pura e simples. Por contraste, portanto, as línguas românicas tendem a deduzir o sentido da estrutura formal, enquanto que em cantonense, é o sentido que determina, para se materializar, a escolha do quadro mais adequado no qual a abstracção é fundamental. Em resumo, o modo de apreensão será:

Para as línguas românicas: **FORMA** → **SENTIDO**

Para a língua cantonense: **SENTIDO** → **FORMA**

c) Para exprimir os conceitos gramaticais que as modificações flexionais são supostas significar, o cantonense apoia-se, dum maneira geral, sobre meios, tais como a ordem das palavras, as preposições e as relações semânticas das palavras. Se os ordenarmos segundo a ordem de importância, qual dos três aparecerá à cabeça? Não faltarão, certamente, gramáticas que façam menção dos dois primeiros. Contudo, os factos da língua mostram que, por um lado, o emprego das preposições em cantonense é muitas vezes opcional e que, por outro lado, as necessidades

estilísticas impõem sempre uma mudança na disposição dos elementos dum dada frase. Com efeito, os «erros de língua» parecem ser, na maior parte dos casos, erros em termos de lógica ou de estilística e não erros em termos de gramática.

Como conclusão, diremos que os aspectos e as relações gramaticais em cantonense são dados: 1.º, pelo semantismo das palavras colocadas em relação numa dada frase; 2.º, pela ordem das palavras; 3.º, pelo emprego das preposições; — o que se opõe aos conceitos de construção frásica das línguas românicas. E é muito natural que os pontos de diferença indicados anteriormente sirvam de referências no recenseamento e classificação dos modelos frásicos.